

AVALIAÇÃO COMO PARTE DO ENSINO: UMA ANÁLISE DA VARIABILIDADE DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO PROGRAMA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA¹

Ana Carolina Preto Tomaz²
Juliano Severo³
Mônica de Souza Trevisan⁴

RESUMO

O processo avaliativo está presente no sistema educacional formal desde seus primórdios, tendo como propósito realizar uma métrica dos estudantes, avaliando-os de acordo com o ano em que estão cursando. Estudantes em cursos de Licenciatura podem enfrentar dificuldades em elaborar instrumentos avaliativos, pois suas experiências são poucas. Este trabalho tem por objetivo verificar a diversidade de instrumentos avaliativos utilizados pelos residentes pedagógicos no projeto interdisciplinar do Programa de Residência Pedagógica do Instituto Federal Farroupilha, *Campus* Panambi, no ensino e aprendizagem de Ciências da Natureza, nos anos finais do Ensino Fundamental. Foi realizada uma pesquisa documental nos planos de aula de 13 residentes, os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, diferenciando-os de acordo com sua dimensão (diagnóstica, formativa e somativa). Pôde-se observar que a variabilidade de instrumentos acontece majoritariamente nas funções diagnóstica e formativa. Contudo a somativa não deixa de ser pensada, pois mesmo com regras impostas por algumas escolas como fazer uso de prova descritiva ou objetiva, ainda assim foram utilizados uma versatilidade de instrumentos. Conclui-se que a avaliação é parte importante da formação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, pois é a partir dela que o professor consegue identificar se os objetivos estão sendo alcançados e se o estudante está conseguindo internalizar os conhecimentos. Faz-se necessário que o tempo de planejamento do professor seja levado em consideração, para que consigam realizar a avaliação pensando em cada sujeito presente na sala de aula.

Palavras-chave: Avaliação diagnóstica, avaliação formativa, avaliação somativa, instrumentos avaliativos, ensino e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da escolarização o processo avaliativo é utilizado, seja para aprovação e reprovação dos estudantes, ou como um termômetro para as metodologias do professor. Contudo para o profissional atingir seu propósito que é ensinar a todos, as ferramentas utilizadas para avaliação necessitam uma diversificação, afinal cada sujeito tem suas especificidades e aprenderá de formas diferentes.

¹ O presente artigo é uma comunicação científica desenvolvida no Módulo I do Programa de Residência Pedagógica financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Residente do Programa Multidisciplinar de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – *Campus* Panambi; e-mail: ana.2021007562@aluno.iffar.edu.br;

³ Residente do Programa Multidisciplinar de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – *Campus* Panambi; e-mail: juliano.2021007670@aluno.iffar.edu.br;

⁴ Docente Orientadora do Programa Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – *Campus* Panambi; e-mail: monica.trevisan@iffarroupilha.edu.br

Os autores desse trabalho estão cursando Licenciatura em Ciências Biológicas, ofertado no Instituto Federal Farroupilha - *campus* Panambi e fazem parte do Programa Residência Pedagógica (PRP). Nesse processo de formação, o PRP possibilita aumentar a imersão dos futuros professores nas escolas chamadas de escolas-campo, além de substituir o Estágio Curricular Supervisionado. Dentre as mais diversas atividades propostas pelo programa, a cada módulo somos estimulados a escrever um artigo sobre algum assunto que tenha nos causado algum desconforto, interesse ou curiosidade durante a participação dos módulos que possibilitam o trabalho dos residentes no Ensino Fundamental (módulos um e dois) e no Ensino Médio (módulos dois e três).

O PRP do *campus* Panambi conta com 16 residentes atuando em três escolas-campo, no Ensino Fundamental (E.F.) e Ensino Médio (E.M.). A regência iniciou pelo módulo um no E.F. Posto isso, esse trabalho tem como objetivo verificar a diversidade de instrumentos avaliativos utilizados pelos residentes pedagógicos no projeto interdisciplinar do PRP, no ensino e aprendizagem de Ciências da Natureza, nos anos finais do E.F., em Panambi, RS.

METODOLOGIA

Para tal objetivo, propôs-se uma metodologia do tipo qualitativa, analisando os planos de aula dos participantes do programa. Sendo assim a pesquisa é tratada como qualitativa:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. (GIL, p. 133, 2002).

Para o levantamento dos dados analisados utilizou-se de pesquisa documental, para Gil (2002, p. 45). “A pesquisa documental assemelha se muito a pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes”. Neste caso, os documentos foram os planejamentos. Foram analisados 97 planos de aula de 13 residentes, a fim de verificar os instrumentos avaliativos utilizados por eles, observando sua classificação em somativo, formativo e diagnóstico.

Cabe ressaltar que os residentes iniciaram sua atuação no módulo um no mês de setembro estendendo-se até março, contudo considerou-se apenas os planos de aulas de 13 dos 16 residentes no período de setembro a dezembro. Sendo que esses atuaram em apenas uma turma do E.F. na área de Ciências da Natureza. No total são 16 residentes atuando no

programa, porém 3 residentes tiveram seus planos desconsiderados, pois não foi possível identificar os instrumentos avaliativos em cada uma de suas funções.

REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação escolar é um dos processos mais exigidos na educação básica e é essencial para o ensino e aprendizagem, pois permite acompanhar o desempenho e a evolução dos estudantes, a fim de compreender suas dificuldades e buscar maneiras para superar esses obstáculos. Contudo, a avaliação escolar ainda é vista como classificatória e excludente, e os educadores ainda estão muito inseridos no modelo tradicional de ensino, no qual apenas reproduzem o que aprenderam, sem levar em conta os aprendizados dos estudantes, com foco somente nas notas obtidas e no maior número de aprovações.

Entretanto, a avaliação deve acompanhar o processo de aprendizagem, como uma ferramenta auxiliadora do professor para verificar o progresso do aluno, e, também, um momento de reflexão sobre o seu trabalho. Pois, conforme Haydt (2011, p. 216), “Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar, fornecendo ao professor indicações de como deve encaminhar e reorientar a sua prática pedagógica, visando aperfeiçoá-la”.

O processo de avaliação escolar contribui para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem, e pode ser classificada em três funções: diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação diagnóstica, conforme Luckesi (2011, p. 62), “[...] tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária”. Ou seja, a avaliação diagnóstica consiste em uma investigação do professor para verificar os conhecimentos prévios dos estudantes e compreender suas dificuldades, entender o que o aluno já aprendeu e o que ele ainda precisa aprender.

A formativa ocorre durante todo o período escolar, acompanhando os alunos em seu dia a dia em sala de aula, e buscando por metodologias que se adequem às necessidades de aprendizagem dos alunos, conforme Haydt (2011, p. 220):

[...] sua função é verificar se os objetivos estabelecidos para a aprendizagem foram atingidos. Portanto, o propósito fundamental da avaliação com caráter formativo é verificar se o aluno está conseguindo dominar gradativamente os objetivos previstos, expressos sob a forma de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Já a somativa tem caráter classificatório e vai conferir ao aluno uma nota ou conceito, atribuindo, de acordo com o sistema de avaliação da escola, possível aprovação ou reprovação ao final de cada período letivo e de acordo com Haydt (2011, p. 221), “A avaliação somativa supõe uma comparação, porque o aluno é classificado de acordo com o nível de aproveitamento e rendimento atingido, geralmente em comparação com os colegas, isto é, com a classe.”

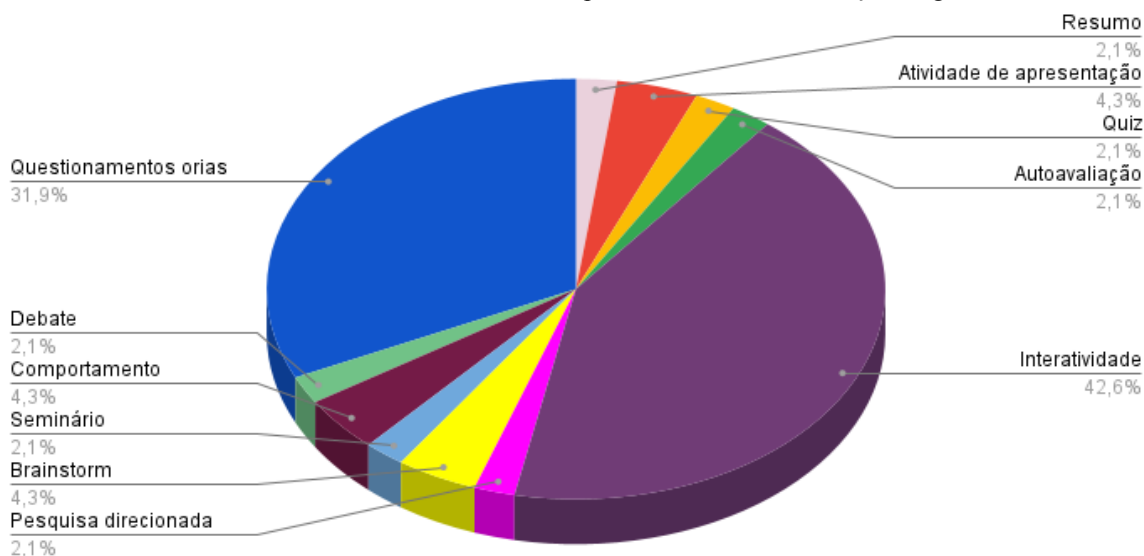
Considerando que cada indivíduo aprende e se desenvolve de forma diferente, o uso de instrumentos avaliativos diversificados se faz necessário nesse processo de avaliação escolar, de forma que todos sejam incluídos e não saiam prejudicados. Assim, para definir formas de avaliar, o professor precisa selecionar o instrumento avaliativo mais adequado a sua metodologia e conteúdo. Os instrumentos de avaliação mais comumente usados são provas, acompanhamento do caderno do aluno, textos, pareceres, registro de observação, fichas e outros.

A partir da utilização de métodos alternativos à escola e seus docentes tornam a avaliação essencialmente equitativa para o aluno. Mas o valor da avaliação depende do fato do aluno conhecer seus progressos e dificuldades, para poder superar essas dificuldades e continuar progredindo na construção do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 97 planos de aulas em cada uma das três funções da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa, apresentou variedade nos instrumentos avaliativos, em especial somativos e formativos. Na dimensão diagnóstica nota-se uma repetição maior de alguns instrumentos. Nesta foram observados 47 instrumentos avaliativos, divididos em: resumo, auto avaliação, interatividade, *brainstorm*, pesquisa direcionada, seminário, atividade de apresentação, quiz, comportamento, debate e questionamentos orais. Sendo que os de maior frequência são: vinte (42,6%) interatividade, quinze (31,9%) questionamentos orais, e os outros doze (25,53%) variam entre uma a duas frequências de utilizações, como pode ser visto no gráfico do tipo pizza 3D nº1.

Gráfico 1: Instrumentos avaliativos usados pelos residentes na avaliação diagnóstica.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Nota-se que o uso do instrumento interatividade aparece com a maior porcentagem, porém acredita-se que na verdade a interatividade é a consequência do uso de determinado instrumento, como os questionamentos orais, que aparecem em segundo lugar dos mais utilizados. Hipotetiza-se que outros instrumentos tenham sido utilizados suscitando interatividade nos estudantes, contudo nos planos analisados esses instrumentos ficaram ocultos ou não bem delineados. Portanto estipular instrumentos e critérios de fácil compreensão auxiliará tanto o professor quanto os estudantes no seu aprendizado em sala de aula.

O uso dos instrumentos avaliativos para diagnóstico, auxilia o professor na avaliação da internalização dos conteúdos por parte dos estudantes e a averiguar os resultados da aprendizagem. Conforme aponta Luckesi (2011, p. 137) “A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada”. Nesse caso, a utilização frequente de questionamentos orais nessa etapa contribui para que esse processo ocorra, para motivar a interação e diálogo, sendo que com algumas alterações pode-se utilizar antes de apresentar um conteúdo novo, a fim de compreender o nível de conhecimento da turma sobre o tópico a ser estudado.

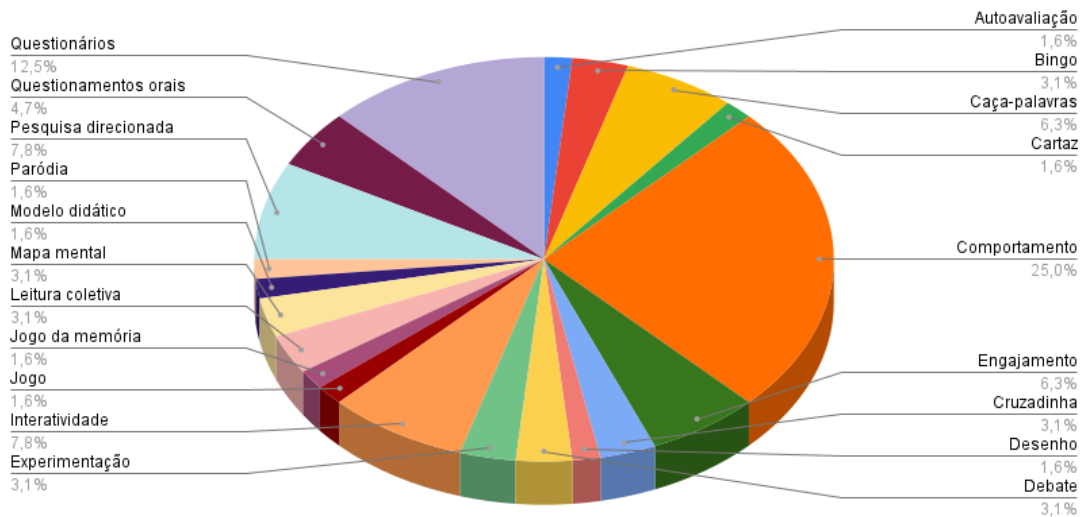
Nessa mesma classificação pode-se dizer, como hipótese, que a baixa variabilidade de instrumentos, em comparação com os formativos e somativos, pode estar associada a menor importância dada à avaliação diagnóstica, pois em todo o processo de ensino e aprendizagem seja como estudante ou futuramente como professor constrói-se a ideia de que necessita-se verificar e atribuir um número. Contudo não basta quantificar os estudantes, faz-se necessário

utilizar instrumentos avaliativos formativos e diagnósticos, pois estes contribuirão para que o estudante internalize os conteúdos abordados e o professor tenha uma métrica e um acompanhamento, para posteriormente utilizar-se de instrumentos somativos.

Estar em constante avaliação possibilita ao professor ter um acompanhamento do desenvolvimento da turma tanto dos conhecimentos internalizados quanto das suas metodologias, conforme Luckesi (2011, p.168) “A avaliação propicia acompanhamento e reorientação do processo de construção dos resultados esperados”. Ou seja, para se obter resultados, se faz necessário acompanhar a evolução do aluno, sempre retomando algum ponto que está impedindo o andamento da aprendizagem. E para isso, pode-se fazer uso da avaliação formativa, pois ela visa acompanhar o dia a dia dos estudantes e entender suas dificuldades e quais são os métodos mais eficazes no processo de aprendizagem.

Na coleta dos dados a avaliação formativa apresentou uma maior quantidade de instrumentos, observa-se 64 instrumentos, divididos da seguinte forma: engajamento, auto avaliação, bingo, caça palavra, produção de cartaz, comportamento, cruzadinha, debate, desenho, experimentação, interatividade, jogo, jogo da memória, leitura coletiva, mapa mental, modelo didático, paródia, pesquisa direcionada, questionamentos orais e questionário. Destes foram considerados apenas os de maior frequência, de cinco a dezesseis. Sendo dezesseis (25%), são comportamento, oito (12,5%) questionários, cinco (7,8%) interatividade, cinco (7,8%) pesquisa direcionada, e os outros trinta (46,9%) ficam divididos em instrumentos que variam sua utilização com frequência de um a quatro. Como visto no gráfico do tipo pizza 3D nº2. Pode-se notar uma maior variabilidade de instrumentos, contudo, cabe-se fazer algumas análises quanto aos seus critérios e utilizações.

Gráfico 2: Instrumentos avaliativos usados pelos residentes na avaliação formativa.



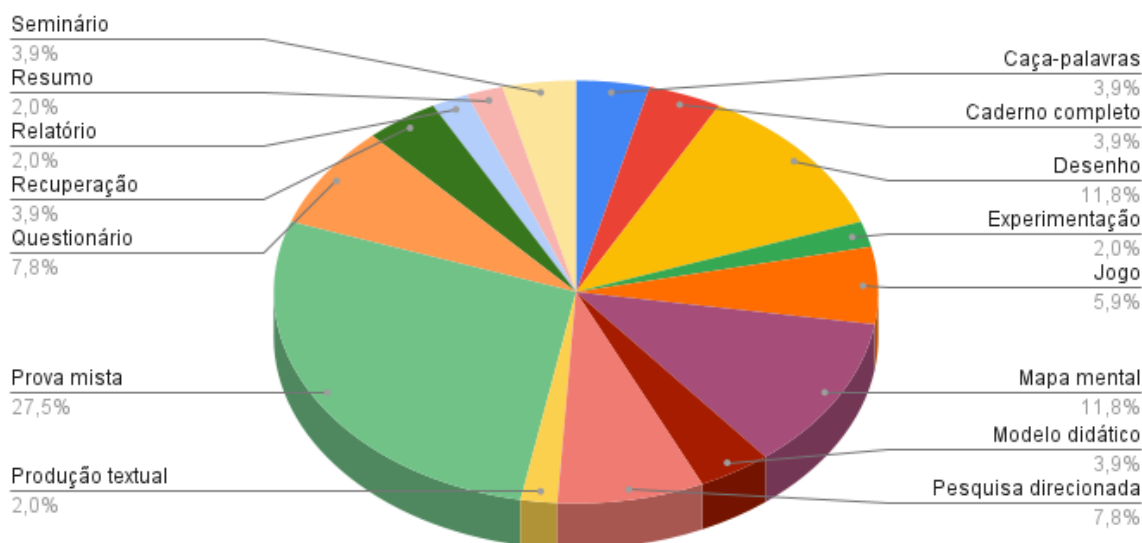
Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A repetição de instrumentos pode estar associada a algumas hipóteses, por exemplo limitação dos conhecimentos, falta de tempo, processo de escolarização pessoal, entre outros. Com isso nota-se que os instrumentos de comportamento e questionário são os de maior porcentagem. Nota-se novamente o equívoco de citar comportamento como instrumento, sendo este muito mais um efeito a ser observado em sala de aula do que um instrumento de avaliação. Contudo, para um instrumento surtir efeito, tanto professor quanto educando necessitam entender qual postura assumir, por isso a importância de estipular critérios bem definidos. Algo a ser aprimorado como no caso do comportamento, a qual comportamento os critérios podem se referir, a um estudante quieto? Agitado? Focado ou aborrecido? Neste caso seria viável substituir esse instrumento por participação e escolher critérios objetivos para assim saber como avaliar.

Já no caso dos questionários, cabe-se refletir qual a sua finalidade, somente um treinamento para a prova ou um diagnóstico do processo de internalização dos conteúdos? Afinal, para propor uma avaliação somativa, é importante levar em consideração que sua finalidade também é compreender o nível de aprendizado do estudante, pois não trata-se ou não deveria se tratar apenas de quantificar, mas sim de compreender o processo de ensino e aprendizagem de todos os envolvidos. Nesse caso os resultados observados na dimensão somativa relatam um contexto mais tranquilo, pois apesar de o instrumento prova mista ser o mais frequente, os outros 70% dos instrumentos foram diversificados e criativos.

Foram notados 51 instrumentos nessa classificação, divididos em: caça palavra, caderno completo, desenho, experimentação, jogo, mapa mental, modelo didático, pesquisa direcionada, produção textual, prova mista, questionário, recuperação, relatório, resumo e seminário. Sendo os mais frequentes de seis a catorze. Foram identificadas catorze provas mistas (objetiva e descritiva), seis desenhos, seis mapas mentais e os outros vinte e cinco instrumentos que variam em frequência de um a quatro. Como visto no gráfico do tipo pizza 3D nº03.

Gráfico 3: Instrumentos avaliativos usados pelos residentes na avaliação somativa.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A análise dos planos ocorreu no último bimestre do ano, o qual em muitas escolas, destina-se a recuperação e provas. A recuperação é prevista para contribuir com a aprendizagem dos estudantes ao longo do ano, possibilitando uma melhoria nos números/notas atribuídos a eles, em especial aqueles que estão com o rendimento abaixo da média. Como visto nos números, houve uma grande variabilidade de instrumentos utilizados. Apesar da prova mista ter a maior porcentagem, foram utilizados outros instrumentos criativos e diversificados, assim abrangendo o maior número de estudantes e auxiliando o professor a cumprir seu papel, ensinar a todos.

Contudo, vale ressaltar que os residentes do PRP atuaram em somente uma turma do EF, do sexto ao nono ano. Ressalta-se essa observação, pois o trabalho não tem o objetivo de apontar as fragilidades dos professores da rede pública, que utilizam provas como instrumento principal. Uma possível hipótese também tem relação com o quantitativo de tarefas que os docentes acumulam, pois muitos têm em média dez turmas com vinte, ou mais estudantes por turma, sendo assim replicar avaliações facilita seu trabalho e lhes dá mais tempo para planejar outras aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que as avaliações compõem parte importante do processo de ensino e aprendizagem, a dimensão diagnóstica vem na perspectiva de analisar as potencialidades e

fragilidades dos estudantes e do planejamento, bem como as metodologias utilizadas pelo professor. Já a formativa auxilia na internalização dos conhecimentos propostos, além de incentivar o estudante a utilizar os conhecimentos aprendidos. Por fim, talvez seja a dimensão somativa que teve maior relevância atribuída ao longo da história, afinal somos constantemente incentivados a quantificar os estudantes, para aprová-los ou reprová-los. Contudo, o papel da escola não é classificar, e a avaliação não tem fim em si mesma, ao contrário, ela é parte de um processo de aprendizagem que visa dimensionar para qualificar, por essa razão precisamos ter bem estabelecido os nossos instrumentos em cada uma das suas funções avaliativas.

Além disso, faz-se essencial a diversificação dos instrumentos, bem como o estabelecimento de critérios claros, pois são esses que possibilitam compreender se os objetivos propostos estão sendo atingidos. Para todo esse processo ocorrer, é necessário tempo de planejamento. Posto isso, ressalta-se que os residentes atendiam somente uma turma do EF, ou seja, seu planejamento delimita-se a essa turma, efetivamente observou-se uma variação de instrumentos nos planejamentos dos residentes. Esperávamos encontrar um quantitativo maior de avaliação por provas, que costuma observar-se na realidade de escolas que atendem a várias e numerosas turmas. Com essa realidade, o tempo que é necessário para o planejamento fica restrito e proporcionar aulas com instrumentos avaliativos diversos fica comprometido. É importante evidenciar essas problemáticas para possibilitar pensar no coletivo, as melhorias necessárias para o avanço da atuação dos docentes em sala de aula.

Enquanto residentes do PRP as dificuldades encontradas começam no ato de organizar o plano de aula, em quais instrumentos utilizar? Quais critérios propor para esses instrumentos? Contudo, nota-se que as orientações dadas aos residentes possibilitou estimular sua criatividade para diversificar os instrumentos, mesmo que o período analisado tenha sido o último bimestre no qual geralmente os professores são instigados historicamente a avaliar os estudantes com provas a fim de verificar a aprendizagem e gerar um resultado final quantitativo.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAYDT, Regina Célia C. **Curso de didática geral**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.**
22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

